

Tango Eslovaco

Szlovák tangó

1.

Muitas belas cidades há no mundo, porém as mais belas são as cidades para onde nossos amores de outrora fugiram no seu desgosto. Pressburger¹ Miklós, o primeiro homem que beijei, aos dezoito anos de idade – na época ele completara trinta e três –, fugiu precisamente para Pozsony,² não se passara nem mês e meio do referido beijo, e nem bem dois dias após tudo haver terminado. Durante cerca de seis anos nunca pensei que teria que ir a Pozsony. De vez em quando, se, por um grande acaso, ele me vinha à mente, eu o imaginava vagando por ruas solitárias, e mudando-se outra vez para a casa dos pais, como planejava da última vez que conversamos. Desde quando sua família vivia naquela cidade, não se sabe ao certo, mas no tempo da Monarquia certamente já existia o imponente Solar Pressburger, nalgum lugar não longe do Castelo, e que até alguns meses atrás eu conhecia apenas de cartões postais.

De hábito geralmente evitamos as cidades de nossos amores de outrora, como se fossem ataúdes fechados. Às vezes, no entanto, elas surgem no nosso caminho – um convite oficial, um encontro de negócios inadiável, uma excursão familiar aparentemente inocente acaba por nos levar a esses lugares, onde nós, com boas razões, nos sentimos assim: estrangeiros em nosso próprio passado.

Não haveria qualquer problema com Pozsony não fosse o Danúbio cruzá-la ao meio. Pois justamente naquela direção eu navegava o Danúbio alguns meses atrás, à primeira vista, como participante de uma missão cultural

¹ Usado aqui como sobrenome, Pressburger também corresponde ao nome germânico de Bratislava, atualmente capital da Eslováquia.

² Pozsony (pronuncia-se “pójonhi”), por sua vez, é nome que os húngaros dão a Bratislava, que durante séculos pertenceu ao Reino da Hungria e foi palco de importantes acontecimentos na história húngara. (v. nota 5)

internacional de paz, na verdade, porém, ia embalado em águas de popa de lendas familiares – já que, exatamente aquele navio, no qual embarcaram em Viena os cento e vinte músicos, dançarinos, jornalistas, poetas e outros saltimbancos pacifistas que seriam meus companheiros de viagem por duas semanas, fora comandado cerca de vinte anos antes pelo meu próprio avô, que passara anos pelejando com as margens caprichosas do leste europeu. E, como se isto não bastasse, foi como *poeta magiar*³ que me convidaram a participar do navio, o que me deu uma honra extraordinária, e, no entanto, muito tempo ainda levaria até eu conseguir elucidar o que significava propriamente ser poeta magiar.

O poeta magiar é capaz de, por exemplo, a qualquer momento e sem qualquer problema, declamar os mais belos poemas magiares do seu tempo em impecável francês.

O poeta magiar é companhia cativante e um tradutor-intérprete de primeira linha, especialmente quando se trata de um cimbalista magiar não entender o que um bandoneonista de tango argentino lhe diz em inglês, e de qual problema com isso tudo tem a cantora marroquina, que por sua vez só fala francês. O poeta magiar dá, a qualquer momento, amáveis esclarecimentos aos seus companheiros de viagem ocidentais se estes lhe perguntam sobre o estado socialista. O poeta magiar tem cabine privativa, e nas horas vagas lê Esterházy⁴. O poeta magiar é heterossexual, mas, se não for, não há problema, apenas evita olhar muito acintosamente para o violinista sérvio, pois teme ver-se logo atirado ao Danúbio.

O poeta magiar é filho de um povo marinheiro sem mar, e, como tal, tende facilmente à melancolia.

³ A palavra *magyar*, no original, é o termo pelo qual os húngaros se autodenominam, bem como o nome do seu idioma. O fato de que o narrador se refira não à sua condição de poeta, simplesmente, mas de *poeta magiar* é sintomático da relação inseparável que ele vê entre o poeta, sua língua-mãe e sua cultura.

⁴ Esterházy Péter, o escritor húngaro contemporâneo ‘highbrow’ mais celebrado. Aqui a referência tem um significado especial, pois num de seus romances mais conhecidos, *Hahn-Hahn grófnő pillantása* (O olhar da condessa Hahn-Hahn), o narrador navega toda a extensão do Danúbio, da Floresta Negra ao Mar Negro, e é esse o „Esterházy” que o narrador do conto lê durante sua própria viagem pelo Danúbio, como informa o autor aos leitores brasileiros.

2.

Mas, enfim, com amantes de outrora ou sem amantes de outrora, o fato é que o navio de passeio Theodor Körner simplesmente aportou no cais de Pozsony numa fresca manhã de setembro, e, depois da ancoragem, mesmo os poetas magiares foram obrigados a fazer um passeio terapêutico pela cidade.

Há muito tempo já observei que, quando algo me incomoda, cedo ou tarde me encontro diante de um armário de livros. Por ocasião de festas caseiras e recepções tediosas, geralmente me refugiava ao lado da estante, isso nos tempos em que eu ainda freqüentava festas e recepções. Hoje em dia é mais freqüente eu ir a cidades estrangeiras: nessas vezes acabo, instintivamente, dando uma parada no primeiro sebo mais simpático, assim como os alcoólatras crônicos crêem ainda não ter chegado de fato à cidade desconhecida enquanto não tiverem, finalmente, degustado as cervejas do lugar.

Não queria admitir para mim mesmo, mas, na verdade, morria de medo que se flanasse demais pelas ruas de pedestres do centro histórico da cidade acabaria me encontrando, mais cedo ou mais tarde, com Pressburger Miklós, bem na hora em que estivesse empurrando um carrinho de bebê graciosamente enfeitado, marchando pesadamente atrás da esposa recente. O que não me deprimiria porque assim fosse, ou porque isso significasse que sua relação comigo fora apenas uma oscilação na vida do verão daquela respeitável família da Alta Hungria⁵, ou, então, por ele, passado todo esse tempo, ver-se ainda obrigado a negar-se a si próprio – não, essa possibilidade me atormentava infinitamente porque, nesse caso, não haveria qualquer possibilidade de finalmente abraçá-lo, o que eu deveria ter feito imediatamente depois nosso rompimento.

Para todos os efeitos havíamos-nos separado seis anos antes como animais depois do coito, e, ainda assim, eu lhe devia o primeiro beijo masculino da minha

⁵ *Felvidék* para os húngaros, as terras montanhosas ao norte do Reino da Hungria, que correspondem hoje ao território da Eslováquia, separado pelo Tratado do Trianon, que em 1920, ao final da Primeira Guerra Mundial, reduziu a Hungria a um terço do seu território original, o que ainda hoje representa um trauma coletivo não-resolvido para os húngaros.

adolescência, e queria dizer-lhe isso. E, também, que não devíamos ficar amargurados por, afinal, não termos dado certo um com o outro.

Após refletir sobre tudo isso, dei graças aos céus que nos sebos daquela cidade que outrora pertencera ao Reino da Hungria houvesse ainda fartura de livros em língua magiar; escolhi rapidamente um Krúdy Gyula de lombo verde, que também tratava do filho marinheiro dum povo sem mar⁶, e saí à rua. Se tiver mesmo uma esposa, eu me consolava enquanto corria as ruas de paralelepípedo, posso ainda ter a esperança de que ela não fale magiar.

3.

O passeio correu, afinal, livre de contratemplos. A minha impressão do centro de Pozsony foi de que lembrava o bairro do castelo de Buda, aumentado de alguns quarteirões, e regularmente varrido – da maior parte das pessoas, pensei o mesmo, acrescentando-se que muitas lembravam, suspeitosamente, Pressburger Miklós, ainda que apenas por um ou outro instante de aflição e arrepio.

No mesmo dia à noite a comissão cultural local organizou um concerto de câmara no convés do navio, durante o qual tivemos uma amostra das obras dos melhores compositores eslovacos contemporâneos. Para tanto arrumaram algumas cadeiras na proa numa mesma direção e, na parte do assoalho que dava para a entrada, colocaram os músicos. Ao passar uma vista no breve programa, meus olhos logo estancaram numa peça de Ilja Zejlenka chamada *Tango eslovaco*: o tango é o único tipo de dança que ainda quero aprender antes de morrer, lembrei-me. A cremos em Borges, que em 1930 escreveu *A história do tango*, no

⁶ Para muitos o maior prosador húngaro do século 20, Gyula Krúdy (1878-1933) deixou uma obra vasta e de difícil tradução pela riqueza expressiva e pelas referências próprias à história e à cultura centro-européias. Um protagonista de muitas das suas histórias é Szindbád, que, embora inspirado no homônimo marujo das *Mil e uma noites*, nunca navegou; o “filho marinheiro dum povo sem mar”, a que o conto se refere, Szindbád era um hedonista de meia idade, espécie de Don Juan melancólico da decadente pequena nobreza magiar de então. O volume de lombo verde no texto remete imediatamente o leitor húngaro às histórias de Szindbád. No Brasil, Krúdy teve o magistral *Uma das histórias do soldado raso Harras Rudolf* traduzido e incluído por Paulo Rónai na sua *Antologia do Conto Hungaro*, de 1956 (reeditado pela Topbooks). Mais recentemente, sua novela *O companheiro de viagem* foi traduzida por Paulo Schiller e editado na coleção Prosa do Mundo, da Cosac & Naify.

início os garbosos homens argentinos o dançavam uns com os outros, sendo que, logo depois da sua invenção, as autoridades locais o proibiram sustentando que era uma dança imoral demais para que senhoras respeitáveis aprendessem sequer um único compasso.

Que efeito na moral das moças e das senhoras ali presentes teve o amargo e irônico tango leste-europeu de Zejlenka, executado por violoncelo e acordeão, eu não sei – em mim, em todo caso, causou palpitações cardíacas bastante agudas quando, em meio a um dos trechos de elegante pizzicato, dei com os olhos em Pressburger Miklós encostado à porta do bar, alto, quase quarenta anos, na hora em que ele escutava a música cabisbaixo, assim como ficou seis anos antes quando nos separamos na parada do trem suburbano de Bekásmegyer, na Praça Batthyány.

Então, nem mulher, nem filho, pensei comigo, deve estar trabalhando na comissão cultural local, ou no mínimo tomou conhecimento de alguma maneira de que o Theodor Körner também transporta poetas magiares esta noite sobre a negra e encrespada superfície do Danúbio.

Ao final daquele movimento, aproveitando o breve instante de silêncio, levantei-me e andei em direção à saída do salão, como se fosse ao compartimento ao lado. Provavelmente só então ele deve ter-se dado conta, pois seu olhar refletiu subitamente tamanho atordoamento que eu tive certeza de que ele jamais havia imaginado me encontrar ali. Poeta magiar conhecido até esse ponto ainda não sou, pensei comigo mesmo, e isso me encheu de certa calma.

Da área dianteira do navio saímos para o convés para não atrapalharmos o concerto. Enquanto catava o maço de cigarros no bolso da jaqueta, eu pensava: será que ele vai acender o cachimbo, ou enrolar um cigarro? Lembrei-me de que no apartamento alugado de Békásmegyer, onde o beijei pela primeira vez, além do quarto de dormir, havia ainda mais dois: num deles ele cachimbava, enquanto, no outro, sempre fumava os cigarros enrolados.

4.

– O que tens feito ultimamente? – perguntou finalmente, enquanto enchia o cachimbo e eu havia conseguido acender meu cigarro.

– Como vês, tornei-me poeta magiar – respondi com um sorriso misterioso, como se o dever profissional do poeta magiar fosse passear de tempos em tempos pelo Danúbio.

– Pensei muito em ti – acrescentei, porque considerei desnecessário importuná-lo com um relato completo de tudo que acontecera comigo nos últimos seis anos. Eu estava vivendo justamente um dos períodos mais intensos da minha vida, e teria achado penoso enumerar tudo para alguém que, aparentemente, permanecia exatamente como era na época em que nos separamos. Só posteriormente dei-me conta de que essa minha convicção tão firme se baseava no fato de ele estar vestindo a mesma jaqueta marrom-escuro de quando nos conhecemos.

– Então, por que não me avisaste que vinhas a Pozsony?

– Não teria sido o certo. Mas tinha esperança de que nos encontraríamos.

– Ou seja, continuas incorrigivelmente sentimental.

Ficamos calados. O castelo brilhava luminoso sobre o rio escuro. Lá de dentro filtrou-se uma explosão de aplausos, que continuou ininterrupto enquanto os dois músicos não começaram um encore do *Tango eslovaco*.

– No dia seguinte – disse-me finalmente, e ambos sabíamos que esse dia seguinte se referia a um dia seguinte seis anos antes –, no dia seguinte tive um asco horrível de mim mesmo. Tive certeza de que tinha fodido com a tua juventude. Quando te conheci pessoalmente pela primeira vez, sabia, perfeitamente, que a coisa não ia funcionar. A pessoa vê logo se deseja ou não deseja alguém. Eu não te desejava, mas estava apaixonado pelos teus escritos.

– Provavelmente aí tenhamos cometido o primeiro erro. Escrevemo-nos por um tempo longo demais naquele verão antes de nos conhecermos pessoalmente. Mas não fodeste com nada, eu acho. A primeira vez que fui te encontrar, e te abracei, aquele foi o primeiro contato físico sincero da minha vida. Os homens, eu evitava, com as mulheres, eu não sabia o que fazer. Foi bom.

– E desde então...?

– Desde então tudo anda mais fácil.

– Para mim, desde então, tudo mais difícil – suspirou, e olhou para a água. O encore terminou, e eu sabia que, poucos minutos depois, os convidados invadiriam o convés. Aproximei-me dele e o abracei. Naquela época, para chegar a esse gesto, tivemos que nos encontrar várias vezes durante três semanas até nos atrevermos a fazê-lo, na solidão do apartamento. Para mim, realmente, tudo andava mais fácil desde então. Fiquei quase envergonhado, sentindo-me um pouco mais velho do que ele. Mas, alguns instantes depois, cessaram os aplausos, e os primeiros fumantes começaram a surgir pela porta do bar. Soltamo-nos um do outro, e, no fundo, ficamos contentes que, fora nós dois, ninguém mais no convés falasse nossa língua.

– Até quando ficam? – perguntou em seguida, e pigarreou desconcertado.

– Amanhã de manhã ainda poderíamos tomar um café no cais – respondi. O convés balançava suavemente sob nós, embora eu só o tenha percebido pelos movimentos dele, que parecia andar sem sair do lugar; havia três dias eu oscilava assim, sem dar-me conta, e só sentia o movimento incessante do Danúbio sob meus pés quando de vez em quando descia para terra firme. Vendo-o assim com a mesma jaqueta de seis anos antes, fui simplesmente incapaz de lhe dizer que o navio partiria naquele mesmo dia à meia noite para Budapeste, e que eu estava especialmente contente com isso, porque na minha cidade natal alguém me esperava há vários dias. Porém quando vi, no bulício após o concerto, terminada a recepção de congratulações, o cellista eslovaco tomar-lhe furtivamente a mão por um instante, e finalmente partirem juntos em direção ao Castelo na noite cada vez mais fresca de Pozsony, pensei que fora mesmo melhor assim.

{ *Mátyás Dunajcsik* } •
<http://dunajcsikmatyas.hu>

Caminhavam, um ao lado do outro, como dois irmãos, ou dois bons amigos. Ainda assim, num ou noutro movimento aparentemente acidental, nas mãos de repente se tocando, e nas passadas como ao compasso de um metrônomo, o olho iniciado facilmente percebia os passos tímidos e secretos do tango eslovaco.

E ademais nem chegamos a combinar um horário preciso.

[Tradução: Chico Moreira Guedes]